

EH, TURTUVIA!

Luis Alberto de Abreu

Primeiro prólogo

O ESPETÁCULO TERÁ TRÊS NÍVEIS: DOIS NARRATIVOS E UM DE REPRESENTAÇÃO: O PRIMEIRO NÍVEL SERÁ DOS NARRADORES DA PEÇA (ABU, AMOZ, BENECASTA E WÉLLINGTON); O SEGUNDO NÍVEL SERÁ O DOS NARRADORES DA COMUNIDADE RURAL (RESPECTIVAMENTE ARIAS, ZÉ ICÓ, NORATA E LABÃO); O TERCEIRO E ÚLTIMO NÍVEL SERÁ O DOS PERSONAGENS DAS HISTÓRIAS E DA COMUNIDADE. TODOS OS PERSONAGENS SERÃO INTERPRETADOS PELOS MESMOS QUATRO ATORES/NARRADORES.

ABU, O NARRADOR PRINCIPAL, RESPONSÁVEL PELA CONDUÇÃO DO ESPETÁCULO E PELA RESOLUÇÃO DE EVENTUAIS CONTENDAS. ELE FALA SEM SOTAQUE CAPIRA A NÃO SER QUANDO COMPÕEM ALGUM PERSONAGEM DA COMUNIDADE.

AMOZ, UM TIPO MAIS INTROSPECTIVO, QUASE ENVERGONHADO, MELANCÓLICO E SENSÍVEL ALGUMAS VEZES, UMA ESPÉCIE DE PIERROT TARDIO.

BENECASTA, UMA VELHA, SEM A VIOLÊNCIA DA NARRADORA DOS OUTROS AUTOS, MAS AINDA IRÔNICA, SAGAZ, RESMUNGONA.

WÉLLINGTON, UM VELHO CÍNICO E GOZADOR

TODOS ESSES QUATRO NARRADORES POSSUEM UM LEVE ACENTO CARACTERÍSTICO DO HOMEM DO INTERIOR. O SOTAQUE, NO ENTANTO, NÃO DEVE SER A PRINCIPAL CARACTERÍSTICA DO PERSONAGEM E SIM O CORPO, SEU GESTUAL E A MANEIRA COMO SE EXPRESSA, COM UMA PROSÓDIA VIVA E CARREGADA DE IMAGENS DE SEU TERRITÓRIO. OS CINCO FORMAM UM CORTEJO QUE VEM DO FUNDO DO PALCO, LIDERADOS POR ABU. ESTE TEM O CORPO ERETO, QUASE HIERÁTICO. OS OUTROS QUATRO TEM O ANDAR CARACTERÍSTICO DE MATUTOS. TOCAM INSTRUMENTOS E CANTAM UMA MELODIOSA DOLENTE, QUASE NOSTÁLGICA.

NARRADORES	Eh, sertão onde nasci Saudade que quase esqueci
------------	--

Coração da gente é só mágoa
Os olho mareja e deságua

Porque já não sei por que choro
Constante não sei o que imploro
Constante não sei o que me falta
Meu barco navega sem nauta.

O tempo eu sei que não volta
Meu peito não abriga revolta
Mas alguém me explica o vazio
De ser leito de rio sem rio.

Semei o campo, não choveu
Plantei, a semente morreu
Sonhei com meu amor, acordei,
Se amor tive ou tenho não sei.

CHEGAM AO PROSCÊNIO, ABU SE ADIANTA. ATRÁS, OS OUTROS TRÊS NARRADORES CUMPRIMENTAM O PÚBLICO COM SORRISOS E ACENOS.

ABU Boa noite! Como vocês todos já devem saber...

WÉLLINGTON E se não sabem é porque são mal informados... (BENECASTA RESMUNGA E WÉLLINGTON DESCULPA-SE COM GESTOS. ABU, ALGO IRRITADO, RETOMA A FALA)

ABU Como vocês já devem ter percebido, nada mudou, o esquema é o mesmo e, infelizmente, são os mesmos os nossos quatro e já conhecidos narradores. Isso cansa! Mas prometo a vocês que este será o último auto que encenamos! Chega! Acabou! Fim final, sem complacência nem apelação! Cansou! Cansamos desse formato, desse tipo de teatro narrativo, de peças com dois prólogos e histórias celebrando isso ou aquilo! Nossa próxima montagem será um ícone da alta cultura: Hamlet, de Shakespeare! Conhecem? Vão conhecer! Nesse palco vai correr sangue e a experiência humana vai se revelar no tem de mais profundo! Benecasta fará a desditosa Ofélia! Amoz viverá o fiel Horácio, Tião Cirilo será o rei Cláudio, da Di-

namarca, e Wéllington será Hamlet, o homem esmagado pelo destino, obrigado às mais desgraçadas escolhas. (ASSIM QUE NOMEADOS OS NARRADORES CUMPRIMENTAM BREJEIRAMENTE O PÚBLICO, JÁ COMPOSTOS COM SEUS PERSONAGENS E FIGURINOS CAIPIRAS. ABU CAI EM SI. TENTA CONVENCER O PÚBLICO) É sério! Vamos fazer um Shakespeare! (PARA SI) É, sei que está difícil de acreditar, mas, quem viver, verá! (AFASTA-SE. WÉLLINGTON COBRE A CABEÇA COM O CHAPÉU DE PALHA E SE ADIANTA)

WÉLLINGTON Dest'arte, enquanto a gente não faz o râmile, vamos cuidar desse nosso auto. Mercê de Deus ocês acreditam em santos? Se acreditam em santos pela mesma forma acreditam em alma, né mesmo?

BENECASTA É lógico que acreditam! Santos são almas que estão no céu, coió!

AMAZ E se acreditam em almas santas, acreditam também em almas perdidas, perversas que tanto estão metidas no fundo dos infernos como também andando como homem-cidadão pela terra.

WÉLLINGTON E de acreditar em alma perversa pra acreditar em lobisomem é um pulo que vocês já deram e que não podem mais voltar atrás!

AMAZ E já que acreditam em lobisomem é só um “esforcinho” para acreditar gente morta que caminha e toda sorte de coisas sem lá muito tino e razão que vão ganhar presença nesse palco!

BENECASTA E, de agora em diante, ninguém mais pode refugar, voltar atrás, nem chamar a gente de mentiroso! Vão ter de crer!

WÉLLINGTON Estamos ajustados? Estamos de acordo? Então, se vocês acreditam, podemos começar nossas histórias.

ABU Vejam bem: a gente parte do princípio que o que morreu não desaparece totalmente. Fica sempre uma marca, um

registro, um sinal que seja, do existido. Do que se foi alguma coisa sempre fica, mesmo que seja apenas o nome ou uma leve lembrança que, por mercê de Deus ou pela vontade humana pode, de novo, ganhar existência. Se tudo o que é sólido se desmancha no ar, o que não tem substância também pode, ao contrário, ganhar solidez aos nossos olhos.

- AMAZ: Vossa mercê pode “puroséquio” figurar algum exemplo?
- ABU: O ar que é substância tão tênue pode se transformar em fúria que varre e arrasa.
- WELLINGTON: Verdade. Outro.
- ABU: A figura sem substância material de uma lembrança pode me transformar em tristeza ou alegria.
- AMAZ: (APERTA A CABEÇA NUM ESFORÇO DE ENTENDIMENTO. TENTA DISFARÇAR A PRÓPRIA INCAPACIDADE) Dá algum outro, só pra garantir, que o povo aí ainda não entendeu.
- ABU: Ocê entendeu?
- AMAZ: Entendi. Lá dentro, lá no fundo, num lugar tão escondido que nem consigo nem ver o que entendi.
- ABU: A crença, por exemplo. De que matéria, de que substância é feita a crença? E, no entanto, move o mundo, ergue cidades, aplaina montanhas, cria e destrói. O que não tem substância pode criar e destruir coisas sólidas. É sobre essas coisas que queremos refletir. Este auto quer celebrar o que foi, aquilo que morre e a crença que pode fazê-lo renascer. Toda uma era está se acabando, toda uma cultura está em processo de extinção, todo um Brasil antigo está fechando seu ciclo. Vamos celebrar sua morte para que ele viva! Entendeu, Cirilo? (CIRILO FAZ GESTO AFIRMATIVO)
- AMAZ: Quase tudo, menos essa coisa de substância...

WÉLLINGTON Liga não, você só não pegou o principal. (ABU IMPACIENTE SAI)

BENECASTA (A ABU QUE SAI) Pode deixar que a gente dá conta.

ABU É esse o meu medo!

AMUZ (AO PÚBLICO) Vigia aqui, povo! Ansim, magine o mundo nosso, aqui, de agora, cinqüenta anos de retro, pra trás.

BENECASTA Ansim, não! Vamos proceder de outro modo. Dest'arte, magine uma cidade igualzinha a de ocês! Maginaram já? Só que muito, mas muito mais pequena. Tamanho dela é só "metadinha" que a vista de um "caboco" meio cego alcança.

AMUZ É, por essa forma. Agora, tira todo o asfalto dela e deixa a terra nua, terra vermeia, que soverte em lama na cheia e poeira na seca.

WÉLLINGTON Inda num 'tá bom. Tira dela tudo que é prédio e sobrado. Tira "tomem" tudo que é carro, poste de luz, viaduto. Deixa só umas casinhas aqui e ali.

BENECASTA Tira esgoto e bote "córgo", nas avenidas deixa correr rio e nas marginais bota lamaçal, brejo cheio de mato, sapo e taboa.

AMUZ Já dá pra ver? Umas poucas casas num descampado vazio? Agora, vamos botar coisa. Onde está vazio complete com mato, mato alto fechado, sombrio: peroba, baraúna, cedro, guaraúva, "ocês" não "sabe" o que é, mas magina. Tantas que num dá nem pra contar, nem pra lembrar.

BENECASTA No mato, ponha quantidade estúrdia de pássaro no ar e um "disagêro" de caça na terra.

WÉLLINGTON Ponha também umas cobras, lacraias, escorpião e outros "bicho peçonhento" pr'amor de temperar o lugar porque não 'tamo imaginando o paraíso, não.

BENECASTA 'Tão seguindo nosso rasto? Tão no carreiro das nossas “idéia”? Tão farejando nosso cheiro? Presta atenção e fica ciente que não vamos repetir! Nesse lugar de poucas casas, bote lá um pouco de gente, uns caboco, caipira, tabaréu, matuto. Dê duas mudas de roupa pra cada um e tá muito bom!

WÉLLINGTON Esse era o povoado que a maioria de nossos pais e avós viveu ou conheceu.

AMAZ (SENTIDO) Entonce, dê também umas botinas p'reles, coitados! São da família.

BENECASTA Tá direito. Dê um par de “precata”, um par de botina.

WÉLLINGTON Pra cada um?

BENECASTA Por família. Um empresta pro outro que pé de pobre não tem número! E 'tá muito bom!

WÉLLINGTON Maginem um lugarejo sem eletricidade, telefone, computador, internet...

AMAZ Gente, como é que esse povo vivia assim, desarvorado dessas coisas?

BENECASTA E é uma porqueira de um lugarzinho desse que vamos celebrar. Parece falta do que fazer, falta de idéia!

(COMEÇAM A CONSTRUÇÃO DO POVOADO COM MINIATURAS OU SIMPLES DESCRIÇÃO NO AR. AMAZ INDICA A IGREJA AO FUNDO DO PALCO)

AMAZ Aqui, tem uma igreja, muito simples, pouco mais que uma capela. Na frente um largo de terra com casa de um lado e do outro. Que mais?

WÉLLINGTON Venda com fumo de rolo, ferramenta, gordura de coco, cachaça e miudezas. O queijo pega o cheiro da criolina, que puxa o cheiro da lingüiça, que atrai o cheiro da cachaça, que pespega o cheiro do João Dó que é o dono e cheira mais que tudo porque segura todos os cheiros e di-

zem que só toma banho no sábado de aleluia. Tarde, seu João Dó! (AMAZ ASSUME JOÃO DÓ)

JOÃO DÓ (DE MAU HUMOR) Tarde melhor ficaria se me pagasse quem fia!, sempre resmungava o João Dó.

BENECASTA Tem um pasto mais adiante, o rio onde se afogaram o Argeu e a Dite, abraçados.

AMAZ (TRISTE) Conta isso não, que ainda não é hora! (SAI AMAZ)

BENECASTA Que é que tem mais no povoado? Num tabuleiro mais alto tem um cemitério antigo onde os mortos repousam.

WÉLLINGTON Nem todos! Tem uns aí que não querem saber de sossego.

BENECASTA Que mais tem um povoado? (ENTRA ABU COMO SÃO JOSÉ. PORTA UM CAJADO, UM RAMO DE PALMA E UM MENINO JESUS NO COLO. ESTÁ ESBAFORIDO. SAI WÉLLINGTON)

Segundo prólogo

SÃO JOSÉ (CANSADO) Tem também um povinho miserável que enfiou na cabeça que eu, São José, sou responsável pelas chuvas. Toda mão que não chove ou atrasa as água é essa coisa estúrdia de me expulsar da cidade! (ENTRA AMAZ COMO UM POPULAR. TRAZ UM PORRETE)

POPULAR Desafasta, mais pra longe!

SÃO JOSÉ Isso é um desaforo!

POPULAR Olha que o pau come!

SÃO JOSÉ Isso é sacrilégio!

POPULAR	Né, não, seu santo! (AO PÚBLICO) Né, não, gente! A gente reza, acende vela, faz novena, procissão, “joeia”, canta, leva frôr, dá conta direitinho de todo “trabaio” que é o contrato do devoto fazer! E o contrato do santo ele não faz? Tá direito? Tá de acordo isso?
SÃO JOSÉ	(IRRITADO) Já tentei explicar mil vezes! Chuva depende da temperatura, do regime dos ventos, do el niño, do efeito estufa, das correntes marítimas...
POPULAR	Corrente é como o povo devia lhe atar! (DEFINITIVO) Andando! Num quero prosa que prosa de santo é só pedido de reza! Quando “vim” chuva, o senhor volta! (AMEAÇA COM O PORRETE) Arreda fora! Rapa in diante!
SÃO JOSÉ	(PROTEGE O MENINO JESUS) Óia o menino, sô! Ah!, meu Deus! Vida de santo é sofrer em vida e penar depois! (ENTRA WÉLLINGTON COMO SANTO ANTONIO)
STO. ANTONIO	(AO PÚBLICO) Estão vendo, né? Essa é a vida dos santos populares! Sou Antonio, prazer, mas queria mesmo era ser um santo assim, canônico, como Santo Tomás de Aquino, São Gregório Mágnio! Cadê que o povo se mete com eles! (COM INVEJA) Estão lá, no céu, no bem-bom, descansados. De vez em quando recebem um pedido e têm tempo de marcar audiência, fazer a política deles, lá. Pra nós, pedido de graça e ajuda é pra cima de milhão, uns pedido encardido de difícil e quando não resolve acontece isso que vocês viram! Eu tenho de ganhar guerras e casar moças, bonita, feia, torta, pensa, zarolha, não importa. São Gonçalo casa as velhas que eu não consegui casar. E São Longuinho, coitado! Esse, só lembram dele quando perdem alguma coisa e não ganha nem uma reza em agradecimento. Ganha três pulinhos! Pra que? Tem sentido essa nossa vida? (ENTRA ABU COMO SÃO PEDRO)
SÃO PEDRO	(AO PÚBLICO, IRRITADO) Exijo respeito! Sou chefe, sou autoridade e fico fulo de tirar a roupa e pisar em cima com essa mania do povo de querer trazer os santos para a ter-

ra, desmoralizá-los, torná-los humanos! Não quero ser humano, já fui humano e não quero voltar a ser!

STO. ANTONIO

Calma, Pedro!

SÃO PEDRO

Calma porque não é você que o povo acha que é burro, glutão e canguinha! Onde, na minha santa biografia, eu fui assim? Pura invenção! Isso revolta!

STO. ANTONIO

E adianta? Vai fazer o que? Cortar fora as orelhas deles como você fez com o soldado que foi prender Cristo? A gente já perdeu o controle sobre o povo, se é que alguma vez tivemos.

SÃO PEDRO

João eles respeitam! Das festas a dele é a maior!

STO. ANTONIO

João é menino, é o santo da renovação do mundo.

SÃO PEDRO

E nós somos o que?

STO. ANTONIO

Eu sou, principalmente, um casamenteiro!

SÃO PEDRO

Sorte sua porque eu sou burro, comilão, avarento e quando Cristo me deu as chaves do céu não foi pra ser porteiro! Ele reconheceu minha importância!

STO. ANTONIO

Quer saber, Pedro? Nos tempos que correm, eles lembrarem e festejarem a gente já é lucro. (ENTRA UM CABEÇA DE ABÓBORA DE HALLOWEEN DANÇANDO) Olha lá.

SÃO PEDRO

(FURIOSO) Mas que é aquilo? Mas isso é desaforo por demais!

STO. ANTONIO

Calma, Pedro!

SÃO PEDRO

Calma, uma lasca! Vou fazer quibebe dele, camarão na moranga, abóbora com carne seca! (INVESTI CONTRA A ABÓBORA QUE FOGE)

Cena 1 – A comunidade

(ABU TIRA O ELEMENTO QUE O CARACTERIZA COMO SÃO PEDRO)

ABU E com esse final de cena, feito a pedido dos folcloristas nacionais, encerramos o nosso tradicional e muito esclarecedor segundo prólogo sobre os quatro santos principais do ciclo das festas de junho. (VOLTAM OS OUTROS TRÊS NARRADORES)

WÉLLINGTON São José também?

ABU Também. São santos que se identificam com os antigos ritos de fertilidade da terra. São José é o início, o plantio, por isso é o santo das chuvas. Os três últimos são celebrados na colheita. Voltemos, então, à nossa pequena comunidade de cinqüenta anos atrás. (INDICA AMOZ QUE COMEÇA A SE TRAVESTIR DE ZÉ ICÓ) Este que aqui se apresenta é Zé Icó, um dos quatro tradicionais narradores do lugar, especialista em histórias de almas e assombrações. (ICÓ FAZ UM CUMPRIMENTO)

ZÉ ICÓ (FALA SEM INTERVALO ENTRE AS PALAVRAS) Satisfação de todos vocês aqui o caso que a memória guarda e conto...

ABU Calma, Zé Icó... conta na sua vez. (ZÉ ICÓ FAZ UM CUMPRIMENTO DE CABEÇA E SE AFASTA SEMPRE CUMPRIMENTANDO ATÉ SAIR. ABU REMEMORA A LOCALIZAÇÃO) Igreja...rio... pasto...

WÉLLINGTON Um jatobá frondoso no meio do largo...

ABU Tropas de burro, mula, cavalos...

WÉLLINGTON E bosta, muita bosta por todo largo. Todo lugarejo cheirava a bosta de boi, cavalo, cabrito... (ABU REAGE COM IMPACIÊNCIA) E, não?

ABU Vamos seguindo: (APONTA EM DIREÇÃO ÀS COXIAS, WÉLLINGTON COMPÕE-SE COMO LABÃO) Lá, onde o caminho faz uma curva com o rio, onde tem uma ingazei-

ra, lembram?, (IRRITANDO-SE COMO SE O PÚBLICO NÃO SE LEMBRASSE) perto da pedra grande que vai dar no cemitério, gente!, é, ali mesmo, olhem lá, vem vindo o velho Absalão. (GRITA) Ligeiro, homem, nesse passo ‘ocê não chega! (REAGE CONTRARIADO A ALGUM GESTO OFENSIVO QUE ABSALÃO TENHA FEITO. WÉLLINGTON NÃO CONTÉM O RISO. ABU PARA WÉLLINGTON) Velho desabusado! (AO PÚBLICO) Enquanto Absalão não chega, informo que, aqui, do lado da venda de João Dó mora esse um, (INDICA WÉLLINGTON) “seo” Labão, velho mentiroso, loroteiro, contador das histórias mais absurdas de doida que um vivente humano já escutou. (AO FUNDO PASSA TUNIA CARREGANDO UMA FERRAMENTA DE CARPINTEIRO. LABÃO O VÊ, RI E O APONTA A ABU)

LABÃO Óia lá! Óia lá! (ABU COMEÇA A RIR. TUNIA PÁRA E OBSERVA OS DOIS COM IRRITAÇÃO. LABÃO RI MAIS. ABU TENTANDO FREAR O RISO DIRIGE-SE EM SEGredo PARA O PÚBLICO)

ABU Aquele é Tunia. (TUNIA VEM EM DIREÇÃO DOS DOIS)

TUNIA Que é que tem o Tunia, aí?

ABU Nada, não, ‘tô só proseando aqui com o povo! (OLHA MEDINDO FURIOSO OS DOIS E, DEPOIS, O PÚBLICO)

TUNIA ‘ocês, viu! Ara, se! (SAI BUFANDO. OS DOIS RIEM. ENTRA NORATA)

ABU Do outro lado da rua, defronte da casa de Labão, vive Norata. ‘tarde, siá Norata! Norata é a memória dos acontecidos no lugar.

NORATA ‘tarde. Ah, bão! E mais pra frente, no finzinho do largo, nesse rumo da minha mão mora esse outro (APONTA ABU QUE INCORPORA O PERSONAGEM), “seo” Arias, véio destabocado de tão mentiroso, contador de tróia e pemba, coisa que não hai cristão que querdita!

ARIAS Aqui, povo querdita em “arma”do outro mundo, lobisomem, em fio de cabelo que metido na água vira cobra, em galo que choca ovo de cobra e nasce serpente de asa...

NORATA Pois se eu já vi tanto o galo chocando como a serpente voando lá pra trás do cemitério!

ARIAS ...mas não querdita em sputnick! (OS DOIS MENEIAM A CABEÇA)

NORATA Num principia!

ARIAS Viajei, conheço o mundo fora daqui, o progresso...vi fotografia do “apareio”!

LABÃO Fica quieto, homem! (APONTA O CÉU) Ói, lá, Norata! ‘tá rodando lá em cima, igual à lua!

NORATA Oh, idéia torta, esturta!

LABÃO Qual serventia? Qual precisão de mandar voar igual lua?

ARIAS Num sei, mai...

LABÃO Parece que bebe!

NORATA (SEGREDAS AO PÚBLICO) Cabeça dele turtuvia.(SAEM DEIXANDO ARIAS SÓ, DESACORÇOADO)

ARIAS Óia, só, no que ‘ocês estão se metendo! (OLHA PARA AS COXIAS NA DIREÇÃO DE ABSALÃO. IRRITA-SE) Num espero mais! (SAI. O PALCO FICA VAZIO POR INSTANTES. O VELHO ABSALÃO FALANDO UM GRAMELÔ MEIO ÁRABE. PÁRA NO MEIO DO PALCO, ENCARA O PÚBLICO E IDENTIFICA-SE DE PÉSSIMO HUMOR.

ABSALÃO Sou Absalão. E não sei porque dou confiança porque vocês num tem nada a ver com a minha vida! (DIZ UM PALAVRÃO INDISTINGUÍVEL E SAI)

Cena 2 – Primeira história: o morto saudoso.

- LABÃO Ocês lembram do Tunia, aquele? (RI) Se quiser conhecer, ‘ocês “vara” esse largo nosso cheio de bosta e, nem um quarto de légua marchadeira depois, nesse rumo, ‘ocês vão bater na casa dele. Mai., mior não! Tunia é home que nunca gostou de prosa co’a gente , soberbio, impante, mesmo! Mai, por artes de Deus ou do Sujo, caiu queda que desmoralizou. Conto como foi. (APROXIMA-SE MAIS DO PÚBLICO) Ele é casado de novo com a dona viúva do finado Anacleto, a Nica. Oh, mulher que sobeja de curva boa de olhar e de passar a mão se a gente fosse marido. Não sendo, a gente tem de respeitar, mas custa. O que assucedede é que... (ENTRA TUNIA)
- TUNIA Que é que tá falando d’eu?
- LABÃO (ASSUSTA-SE, IRRITADO) Eita, homem, que agora deu de espreitar feito onça e aparecer no sofragante?
- TUNIA Quero escutar.
- LABÃO É segredo entre eu e esse povo!
- TUNIA Se é minha história eu mesmo conto.
- LABÃO Contar ‘ocê pode ué, ‘mai’ história que tem autoridade, fé e fiança é a que sai da minha boca!
- TUNIA/ZÉ ICÓ (FURIOSO) Inda perco estribo, rédea e “reio” no lombo d’ocês tudo! (LABÃO RI. TUNIA AFASTA-SE FURIOSO. O NARRADOR DESMONTA TUNIA E TORNA-SE ZÉ ICÓ E VOLTA PARA O PÚBLICO) É assim que anda, Tunia, cheio de altas “raiva”, perdendo importância e o “res-tico” de figura de macho que ainda tem. Tudo por conta do acontecido. (NICA ENTRA EM CENA) Aquela que vem vindo ali é Nica, flor de mulher freiosa, que arranca suspiro decente de homem e olhar desconfiado de mulher. (RECUPERA A IRRITAÇÃO DE TUNIA) É mulher de Tu-

nia que agora sou eu, de volta. (SAI CRUZANDO COM NICA)

NICA Que é que anda torto, marido?

TUNIA O de sempre! (SAI)

NICA Ai, bento São Gonçalo! (AO PÚBLICO) Vigia, gente, a minha situação. Quando Anacleto, meu marido, morreu ainda me ficou vivo um resto de vigor de mocidade. Pra num penar vontade e pra num pecar contra a religião, me ‘garrei com São Gonçalo, padroeiro das viúva, das “véia” e de um ror de mulher outra que (A UMA MULHER DO PÚBLICO), se “oce” tiver precisando de home, se agarra com ele, com fé, minha fia, que vem. Quanto mais fé, melhor o home. Foi ele que me deu esse baita home inteirado, chibante e de bom proceder. (RETORNA TUNIA DE CHAPÉU E GRAVATA. TRAZ UM VÉU PARA NICA)

TUNIA Acontece que...

LABÃO (CORTA DEIXANDO TUNIA INCONFORMADO. TUNIA DÁ O VÉU A NICA) Acontece que noivaram com presa...(SEGREDA) Diz que Tunia já tinha febre por Nica em ante até do Nacleto morrer!

TUNIA (INCONFORMADO) Ói, home, ‘ocê num ‘fai’ inventação!

LABÃO (COM AUTORIDADE) Você que num fica perrengando o caminho da história! (AO PÚBLICO) Foi assim e assim foi: trocaram anel, enlaçaram mão, enlaçaram beijo, enlaçaram segredinho, enlaçaram destino, enlaçaram vida.

TUNIA ‘ocê tem ‘zóio’ de miosóti.

NICA (RI, BREJEIRA) Vô me derretê de gostá de ‘ocê, feito doce de alfenin, “iguarzinho” brevidade! (TUNIA E NICA NAMORAM DESAJEITADOS)

LABÃO (DESDENHANDO) E ficaram assim, “arruiando, arruiando” feito pombo, enlaçando ‘cumbersa’ mole de namorado que só presta pra fazer raiva e inveja na gente... Pra en-

curtar caminho: casaram e quando o dia morreu, desceu noite velha e o povoado silenciou, os dois “arresorvero” enlaçar o principal, o de maior gosto. Foi aí que o caso aconteceu. Foi lá, na casa deles, um quarto de légua nesse rumo, mas a gente mostra aqui mesmo pr’amor de ocês vê. O que por primeiro se ouviu na noite foi o grito de Nica:

NICA	(GRITA) Nacleto!
LABÃO	Despois, a voz brabante de Tunia.
TUNIA	Desafasta, condenado!
LABÃO	O povoado correu pra ver e pra ajudar se carecido fosse. (NORATA ABANDONA O PERSONAGEM DE NICA)
NORATA	Chamamo, duas, três “vez” e nem lamparina “acendero” na casa. A gente já “tava” na aflição de entrar a peito quando o Tunia ripostou lá “drento”:
TUNIA	Foi nada, não! Nada, da conta de nenhum de ocês!
NORATA	E mais ainda brabejou:
TUNIA	Volta pra casa, cada um com seus pano de bunda!
LABÃO	Aquilo desorientou um, fez raiva em outro. A gente vem ajudar e é tratado por essa forma? Ara, se!
NORATA	Povo ficou de ovo virado e de orelha em pé
JOSÉ ICÓ	Todo dia, à noite, a gente pegou a rondar casa dos dois e ouvia, lá “drento”, voz de Tunia: (RÁPIDO) Vaderetrodesafastasaisaidiabo!
LABÃO	Despois, os apelo de Nica: xaeletuniacoitado!
NORATA	Despois ainda uns gemido, uns lamento de um outro que a gente num sabia quem era, mas arrepiava até o último pelo plantado na pele da gente!

LABÃO Fui preguntá, inquerí o porquê daquela daquela búa, da-
quele pirequê, toda noite, na casa. Ele cuspiu resposta de
maus “modo”!

TUNIA Vão cuidá da vida de “ocês”! Vão caçar o que fazer, gente
reiúna! Ocês não tem nada que saber!

LABÃO (AO PÚBLICO) Ah, tem! Como é que não tem? Então a
gente vê um acontecimento desusado desses e fica, as-
sim, no escuro? Lugar pequeno num é lugar de segredo,
de coisa escondida! Juntamo pedaço que ouvimo, umas
parte do que sabia e pra interá o resto a gente foi espre-
mendo o miolo. E uma ideiazinha nossa foi crescendo e
formando o acontecido, claro como água do córgo. Ói só
como a coisa se deu: Tudo começou na noite de “núp-
ças”. (ENTRA O FANTASMA DE ANACLETO ARRAS-
TANDO O BANQUINHO, DEPRIMIDO E SOLUÇANDO.
OLHA O PÚBLICO, SUSPIRA FUNDO, FAZ CARA DE
CHORO E CONTINUA SEU CAMINHO. SENTA-SE NO
BANQUINHO PERTO DE ONDE SE ENCONTRA TUNIA
E NICA. CONTINUA GEMER ENQUANTO NICA E TUNIA
ABRAÇAM-SE E SE EXCITAM)

TUNIA Tenho fogo!

NICA Quitempo que’eu já tô ardendo de brasa!

LABÃO Pois não é que no justo instante do mel-doçura eles vi-
ram, ali, sentado na beira da cama, desvalido de tristeza,
o tal? (ANACLETO SUSPIRA AINDA MAIS ALTO)

NICA (ASSUSTADA) Nacleto!

LABÃO Anacleto, não, a “arma” dele, que teve, num se sabe co-
mo, licença de sair de onde estava e voltar pro mundo.

NICA Que é que você tá fazendo aí?

ANACLETO (GEME) Tô com “sodade”!

NICA “Sodade” do que homem de Deus?

ANACLETO	(APONTA COM O BEIÇO) Disso!
TUNIA	(INVESTE CONTRA ANACLETO, MAS É SEGURO POR NICA) Vô destorcê seu pescoço, desgranhento!
NICA	Mai, é uma “arma”, Tunia! (TUNIA PÁRA. FAZ O SINAL DA CRUZ)
TUNIA	Desculpa. Deus me perdoe! (AFASTA-SE)
LABÃO	Foi aí que acorremo pra ajudar como já contamo e Tunia recebeu a gente com pedra na mão. Seu Tunia! Abre a porta, homem! Que aconteceu?
TUNIA	Foi nada, não! Nada, da conta de nenhum de ocês! Volta pra casa, cada um com seus pano de bunda!
NORATA	No noite seguinte, na mesma da hora do mel da tal lua, o Anacleto apareceu de novo. (ANACLETO SUSPIRA E GEME) E na outra noite e nas noites todas.
LABÃO	E num dia à tarde e n’outro pela manhã quando Tunia tentou negacear pra lograr o fantasma do Anacleto, o dito-cujo estava lá, empatando a nova inauguração da viúva. (ANACLETO CHORA, TUNIA PUXA OS CABELOS EM DESESPERO)
ZÉ ICÓ	Andou aparecendo vela preta e vermeia acendida, despacho de galinha com farófia, espada de São Jorge, ramo de guiné cruzado por riba, tudo na frente da casa. Diz que foi empreita de Tunia na mão de nhá Inácia, uma velha “cavortera”, moradora das brenha.
NORATA	Povo conta que Nica pegou a ficar com dó do Anacleto, quis conversar, instruí aquela alma penada. (SUSPIRA COM DÓ E VAI À ANACLETO) Volta pra de onde “ocê” veio, Nacleto. “ocê já teve seu pedaço de vida e seu tempo pra essas coisa!
ANACLETO	Mai dá sodade! Oê num tem sodade?
NICA	(IRRITADA) Tenho! Tanto tenho casei de novo!

ANACLETO	E eu?
NICA	(IRRITADA) 'ocê tá morto, criatura! (ANACLETO DE-SANDA A CHORAR) Tem de conformá, Anacleto! (ANACLETO CHORA AINDA MAIS)
JOSÉ ICÓ	Mai, Nacleto não conformô. E por força de parecer tão desconsolado foi mexendo com o coração de Nica e com o juízo de Tunia! Diz que ele deu de largar trabalho no eito e ir pra casa fora de hora 'mor de pegar os dois no sofragante.O povo diz, se é verdade não sei, que um dia Nica estava de léria com Nacleto!
NICA	Volta, seu lugar num é aqui. (ANACLETO SUSPIRA, COMPÕE CARA DE CHORO E DESATA EM LÁGRIMAS)
ANACLETO	'ocê' num devia de renegá o passado!
NICA	Num renego, mai vai percurá uma "arma" muié no seu mundo, Nacleto!
ANACLETO	Tanto neste como no outro mundo, sodade é uma só. E é de 'ocê.
NICA	(ENLEVADA) Ocê num devia de me falar essas coisa tão bonita... (ENTRA TUNIA)
TUNIA	Entonce, eu me lanho no trabáio e 'ocê aqui de prosa com esse um? Vô "resorvê" essa tróia de vez! Vô socá essa "arma" nas "profunda" nem que seja a muque! Num vô ser corno, guampudo de sombração! (INVESTI CONTRA ANACLETO)
NICA	(COM AUTORIDADE) Quieta o facho já, Tunia! Num se mete que isso é "causo" de marido e mulher!
TUNIA	Mai, eu sô o marido!
ANACLETO	É o segundo! (TUNIA DÁ UM CASCUDO EM ANACLETO QUE CHORA)

NICA (FURIOSA, PARA TUNIA) Bruto! 'ocê some da minha vista, alimár! Respeita o morto! (ANACLETO RI, SATISFEITO)

TUNIA Mai, Nica... E ói só! Ele tá se rindo! (IMEDIATAMENTE ANACLETO RETORNA AO CHORO)

ANACLETO Dói lá no fundo oco vazio de que é feita uma "arma".

NICA "Arma" num ri, "arma" pena, coitada! (CONDOÍDA) Morta, suzinha por esse mundo... (PARA TUNIA) Rapa daqui que 'ocê nem parece cristão!

TUNIA Mai...

NICA Home empedernido! (TUNIA SAI, DESESPERADO SOCANDO A PRÓPRIA CABEÇA)

LABÃO Se assim foi num sei, mai, de história em história, assim ficou sendo. Norata diz que Nacleto e Tunia até entraram em acordo. (TUNIA REAGE) Nacleto tem direitos na quaresma e no mês de finados, Novembro.

TUNIA (IRRITADO) Ara, qu'eu faço destrago!

NORATA Falei disso, nada, seu Tunia! Quem assunta esse caso é seu Arias!

ARIAS (ABANDONANDO ANACLETO) Eu? Quem conta história é o povo, eu só recôio! Isso foi coisa de Zé Icó!

LABÃO A verdade é que um dia me chega o Tunia.

TUNIA Vam'pará co' essas história que já num güento mai. Vô contá tintim por tintim o que se deu naquela noite.

LABÃO Agora quem qué sabê? Agora, quem é que vai crer, "home"? História que o povo se agradou foi essa e não hai o que mude.

TUNIA Mai, num é verdade!

LABÃO Mai, é mior!

TUNIA (FURIOSO) Ói, ocês... Eu vô... Ara, se! (SAI)

LABÃO E, ói, que se “ocê” continuá furiano por essa forma, a verdadeira história de Tunia e Nacleto vai “miorá” inda mais. (AO PÚBLICO) E foi assim. E quem quiser vai lá, quarto de légua nesse rumo, preguntá direto pra Tunia. Mai, se consêio vale, mior não!

Cena 3 – A festa

(DOIS CAPIAUS IRROMPEM NO PALCO. UM DELES OLHA O HORIZONTE)

CAPIAU 1 Ói. É ela?

CAPIAU 2 Tá figurando... mai capaz que não.

CAPIAU 1 Ói, que é! Tá formando...

CAPIAU 2 Pode sê. Mai pode sê o contrário e não sê! O “sór” tá um ‘rôr de quente!

CAPIAU 1 Mai tá viração de fresca...

CAPIAU 2 Pudera sê...(CHEIRA O AR), mai num tá com o “chêro” dela.

CAPIAU 1 (ALEGRANDO) Mai tá formando escuro! Espia lá! Ói o véu de “lebrina” caindo do céu!

CAPIAU 2 Será, meu santo? É “luve”escura!

CAPIAU 1 Evém! É ela! É chuva, gente!

CAPIAU 2 Bento São José! (SAEM CORRENDO. PALCO FICA VAZIO E EM SILÊNCIO ALGUNS INSTANTES. NARRADORES CANTAM ENQUANTO ENTRAM EM PROCISSÃO. ABU COMO SÃO JOSÉ NO MEIO DELES, FELIZ, ABENÇO O POVO. OUVEM-SE O ESTOURO DE FOGOS DE BOCA, ONOMATOPAICOS.)

Meu divino São José

Aqui estamo a vossos pés

Daí-nos chuva com abundância

Meu Jesus de Nazaré!

AMAZ
Pode folgar, santo bão! Santo turuna! (AMAZ MIMA SOLTAR ROJÃO, O RUÍDO DA SUBIDA E A EXPLOÇÃO. OLHAM PARA O CÉU E APLAUDEM O ESTOURO)

ABU
(PARA AMAZ) Vem cá, meu filho! (DÁ A ELE O CAJADO, O MENINO, A PALMA E COLOCA-LHE O MANTO, CUMPRIMENTA-O. AMAZ TRANSFORMA-SE EM SÃO JOSÉ E CONTINUA FELIZ, NA PROCISSÃO, ABENÇOANDO O POVO. ABU VEM AO PROSCÊNIO. A PROCISSÃO SEGUE DANDO VIVAS A SÃO JOSÉ) Com as chuvas no tempo certo a colheita prometia ser farta. O risco da penúria, da fome estava afastada por mais um tempo. E esse tempo era de festa. (OS DA PROCISSÃO DANÇAM. EM SEGUIDA SAEM BENECASTA E WÉLLINGTON DEIXANDO AMAZ/JOSÉ DANÇANDO SOZINHO COM O BONECO DO MENINO. ENTRA MOÇA ARRASTANDO, COM DIFICULDADE, POR UMA CORDA ALGO QUE NÃO SE VÊ, OCULTO NAS COXIAS)

MOÇA
Caminha, sô! (ALGUÉM RECLAMA NAS COXIAS ALGO ININTELIGÍVEL) Num principia a nhenga-nhenga! Ói, que lhe mordação a boca! (PUXA COM FORÇA E ENTRA, AMARRADO, NA OUTRA PONTA DA CORDA, SANTO ANTONIO)

STO. ANTONIO
Devagar com o andor, moça! (MOÇA CONTINUA PUXANDO. JOSÉ PÁRA A DANÇA) É, José, se diverte enquanto pode que amanhã ocê se sacode! Esse povo é doido, sô!

MOÇA
(A JOSÉ) Dá trela pra ele não, meu santo! Esse um vai ficar amarrado, de ponta cabeça, até me dá um namorado mió que o pamonho do Gerômo! Bamo, caminha!

STO. ANTONIO (AO PÚBLICO) E pensar que já fui tenente do exército português, capitão do exército imperial brasileiro e com a república foi pra reserva com a patente de general! (SAI PUXADO PELA MOÇA. SÃO JOSÉ OLHA RESSABIADO A SAÍDA DOS DOIS, DÁ DE OMBROS E SAI DANÇANDO)

ABU A vida segue em nossa pequena comunidade.

BENECASTA Mai segue lerda, morosa de dar gastura, de fazer raiva no Jó da bíblia, das veiz.

ABU A natureza tem seu tempo, tempo sem pressa que o homem é obrigado a seguir. Na hora do trabalho do homem e da mulher é lasca, é duro, é machadear, enxadar, carpir, limpar. Na hora da natureza trabalhar, aí é esperar. (ABU ACOCORA-SE E COMEÇA A PICAR FUMO MOROSAMENTE)

BENECASTA Vai d'aí que o tempo segue devagar e o cérebro também. É "lesera", tontice, não; é só falta de pressa. Pressa pra quê? O dia encurta? O rio corre mais rápido, a chuva vem mais logo se o "caboco" tem pressa? Então! Enquanto esperam que a natureza faça seu trabalho os homens de nossa comunidade gostam muito de prosear, debaixo do jatobá. (APROXIMA-SE OUTRO CAIPIRA, PISA EM BOSTA DE BURRO. LOGO VEM MAIS OUTRO)

CAIPIRA 3 Tar! (OS OUTROS DOIS CUMPRIMENTAM COM UM ACENO DE CABEÇA. PASSA UM TEMPO. CAIPIRA 1 MENEIA A CABEÇA E ESTALA A LÍNGUA INCONFORMADO)

CAIPIRA 1 Tsc,tsc,tsc!

CAIPIRA 2 Hu? (CAIPIRA 1 APONTA COM O BEIÇO PÁRA A FRENTE)

CAIPIRA 3 É?

CAIPIRA 2 (COMO SE NÃO ACREDITASSE)Ah!

CAIPIRA 1 (CONFIRMA) Hum, hum! (PAUSA)

CAIPIRA 2 E? (CAIPIRA 1 DÁ DE OMBROS)

CAIPIRA 3 (INCONFORMADO) Eita!

CAIPIRA 2 (DÁ UMA PALMADA NO JOELHO E SE LEVANTA IRRITADO) Ara!

CAIPIRA 1 Chô! (CAIPIRA 2 DESARMA-SE E ACOCORA-SE DE NOVO. SUSPIRA FUNDO, CONFORMANDO-SE. CAIPIRA 1 FAZ UM ACENO COM A CABEÇA.) Uh!

CAIPIRA 3 Chi!

CAIPIRA 1 Aham!

CAIPIRA 3 Ichi!

CAIPIRA 2 Ué?

CAIPIRA 1 É!

CAIPIRA 2 Cruz! (O JOGO PODE PROSSEGUIR AD LIBITUM SÓ COM ONOMATOPÉIAS. É IMPORTANTE QUE AS INTERJEIÇÕES TENHAM POR TRÁS UMA HISTÓRIA INTELIGÍVEL. PELO MENOS PARA OS PERSONAGENS)

CAIPIRA 1 (FIXA A VISTA LENTAMENTE EM ALGUM PONTO AO LONGE) Ói! (OS DOIS ESPICHAM O PESCOÇO NA MESMA DIREÇÃO)

CAIPIRA 2 É?

CAIPIRA 3 (DISCORDANDO) Nt! Nt! (CAIPIRA 1 REAFIRMA ALGO IRRITADO)

CAIPIRA 1 Ram!

CAIPIRA 3 (CONTRAPÕE) Ah!

CAIPIRA 1 Ó!

CAIPIRA 3 Ché!

CAIPIRA 1	Ara! (CAIPIRA 3 FAZ QUE COSPE)
CAIPIRA 3	Ptu! (CAIPIRA 2 APAZIGUA OS DOIS)
CAIPIRA 2	Ah! Ooooo! Tsc. Tsc. Tsc. (OS DOIS SE ACALMAM)
CAIPIRA 1	Eh! (LEVANTA-SE) Tar!
CAIPIRA 2, 3	Tar!
CAIPIRA 3	(REFERINDO-SE AO QUE SAIU)Hum?
CAIPIRA 2	Ah! (PAUSA) Sujeitinho mentiroso! (RETORNA ABU)
ABU	Dizem muitas coisas sobre esta nossa pequena comunidade. Dizem que era mundo do atraso, da superstição, da ignorância. (PAUSA, PENSA) Pudera ser. Dizem também que não tem sentido relembrar lugar pequeno, essas nostalgias...que lugar pequeno vale tão pouco quanto lugar grande, “das veiz” inté menos. Ói, que pudera ser também. Dizem que o ser humano é errado de natureza, que nunca existiu esse tempo sem maldade e que nessa nossa comunidade também tinha coisa ruim, muita. Ói, que talvez verdade seja, mai veja: estamos aqui num é pra re-fazer aquela comunidade, mas pra celebrar. A gente esquece o de ruim e celebra o que há de melhor que é pr’ amor de não esquecer. E... depois... (IRRITADO) Ih, sô, larga mão! Deixa nós, celebrar!
BENECASTA	Ponto de encontro, de trocar de experiências, travar ou aprofundar conhecimento, as festas. As principais eram as do ciclo de junho e a maior delas era a de São João. (ENTRAM OS TRÊS SANTOS E ATRAVESSAM O PALCO DANÇANDO ALGO COMICAMENTE. PORTAM ESTANDARTES DOS SANTOS) A devoção não era ao santo adulto, profeta, mas ao São João Menino, símbolo da renovação do ciclo, da renovação do mundo. Celebração do vigor da terra e de seus frutos: as raízes, a batata, o milho, as crianças.

CAIPIRA 1	Meia banda de um capado, uns frango de leite, uns “quil” de arroz mais feijão, milho bastante pra assar, pra pamonha e curau...
CAIPIRA 2	Mungunzá, canjiquinha, uma carne de caça, cachaça, quentão...
CAIPIRA 1	Bolo, beiju, bom bocado, rapadura, compota de mamão verde, abóbora, chuchu, laranja da terra... (BENECASTA ENCARNA NORATA)
NORATA	(RELEMBRA DELICIADA) Ai, doce de talo de mamão, um horror de bão! (A ALGUÉM DO PÚBLICO) Já comeu? Entonce, come pra ver que ocê babeja de gosto, boba! Quando o pé de mamão fica véio ocê corta um tolete dois palmo pra riba da raiz. Decasca e vai ver aquele cerne sumoso, “arvo” como lúve branquinha do céu. Aí, ocê rala... ocê sabe ralá? Parece coisa que é dessas grã-fina, madama cheia de dengo e nove hora, que nem ordenhar uma vaca, nem benzer quebranto de criança, nem reza pr’amor de tirar bicheira de gado sabe! (OLHA INCONFORMADA) Ói, ocê manda ralá, que dá mais certo! Depois lava e ferve no tacho, com çucre, até chegar no ponto, ponha cravo... “Dilícia” mais maior só amor de homem da gente!
ABU	Tudo era cozido, assado, frito, sapecado no fogo, no forno, na brasa e servido às crianças no banquete dos inocentes. Era a celebração das crianças.
NORATA	A gente fazia aos contrário do Herodes que matou os inocentes lá na Judéia. (INDIGNADA) Maldito Herodes! Maldito todo homem tirano que não respeita a fraqueza do pobre nem a inocência no mundo! (CAIPIRAS DESCOBREM A CABEÇA)
CAIPIRAS	Maldito!
NORATA	O nome do homem que mata criança seja apagado no pó da terra!

CAIPIRAS	Seja!
NORATA	Seja esquecido no vento para que nem se escute, seja morto e remorto na lembrança dos homens para que não ressuscite nem no dia do juízo! (CAIPIRAS CONFIRMAM COM A CABEÇA A MALDIÇÃO. SE EMOCIONA) Que nem bala, nem corte de faca, nem a garra de doença, nem o dente da miséria nunca se afunde na carne dos filhos meus e de todas vocês.
CAIPIRAS	Amém! (PAUSA. NORATA ENXUGA OS OLHOS, AFASTA A IMAGEM ANTERIOR E SORRI.)
NORATA	Fogueira acesa, esquecer tristeza! Bamo folgar, pessoal! (MÚSICA E DANÇA. ZÉ ICÓ SAI DANÇANDO)

Cena 4 – Ao pé do fogo

(OS QUATRO NARRADORES SE ACOCORAM EM VOLTA DA “FOGUEIRA”).

ARIAS	O “vião” subiu lá pra riba das “lúve” e foi voando assim (DEMONSTRA) igual meu braço, pro “otro” lado do mundo!
LABÃO	Eita, que esse homem principiou!
ARIAS	Ocê nunca ouviu falar de “vião”?
LABÃO	Falar já ouvi, mai num querdito!
NORATA	Acho que é capaz que existe. Hai tanta coisa nesse mundo...
ARIAS	Subiu lá no arto...
LABÃO	Pertinho do sputinik! (NORATA RI, ARIAS SE IRRITA)
ARIAS	Ocê muda de procedimento, seu Labão!

NORATA Deixa esse desordero no mato e segue seu carreiro, seu Arias!

ARIAS Pois, foi! Diz que o “vião” “vuou” inté os “confim” do mundo. Daí encontrou c’os “vião” dos “alamão”. E aí, teterê-tetê, foi tiro de guerra forte!

LABÃO (SARCÁSTICO) Lá no arto, nas “lúve”!

ARIAS Foi. Nessa guerra diz até que o Brasil foi!

NORATA Ouvi falar.

LABÃO Também ouvi, mai não pode acreditar em tudo que ouve, Norata!

ARIAS Viajei, vi muita coisa!

LABÃO Ocê já viu tudo! Diz pra mim: prédio existe?

ARIAS Claro! Ranha-céu!

LABÃO Ah, vai comer bosta! (AFASTA-SE, VOLTA) Como é que ranha-céu?

ARIAS É “arto” que ocê quase nem vê a altura!

NORATA (FAZ O NOME DO PAI) “Talequá” torre de babel? Figura coisa do fim do mundo!

LABÃO E “apareio” de falar?

ARIAS Qual? Rádio ou telefone? (LABÃO RI E SEGRED A NORATA)

LABÃO Tá vendo Norata? Já não é mais um só, não! Já é dois “apareio”! (À ARIAS) Me diz: “micóbrio”? Micóbrio existe?]

ARIAS Existe!

LABÃO (INCONFORMADO) Mai, vai pra ber’da merda, Arias! (CHEIRA O AR E FAZ UMA CARETA) Chi, que danou-se o diacho! (ACOCORA-SE)

ARIAS	Que foi, homem?
LABÃO	João Dó vem aí.
NORATA	(CHEIRA O AR, FAZ CARETA) Eita, que é mesmo! E ele mexeu naquele saco de cebola meio podre da venda dele. É cheirar e ver!
LABÃO	(PÕE O DEDO NA BOCA E ESTICA PRÁ CIMA) Vem da banda de lá. (APONTA)
ARIAS	(CHEIRA O AR) Rapou também o bolor daquele queijo socado lá do fundo da prateleira! Sente a catinga!
NORATA	Ara! Aca! Sente o fartum do toicinho rançoso, misturado com bolo de “mio”.
LABÃO	(FUNGA PROFUNDAMENTE) Alho, fumo de rolo...
ARIAS	Vem vindo com aquele pano que ele limpa a pedra do balcão...
LABÃO	Ichi! A festa tá boa, mai tá na hora!
NORATA	‘pera! (CHEIRA O AR VÁRIAS VEZES) Tá afracando. De certo mudou de rumo. (CHEIRA) Garrô caminho direto pro mangueirão dos porco de seu Osório.
LABÃO	“Pobrezinho” dos bicho! (RIEM. LABÃO OLHA PARA O CÉU) Sabe, seu Arias, num dá prá crer, não! Um homem vivo caminhar naquelas “lonjura”?
NORATA	É, morto pode ser. “Diz” que depois da morte a “arma” da gente caminha lá no rumo das estrela antes de ir pro céu, mas... ansim, pegada no corpo do “caboco” vivo... é difícil de crer!
LABÃO	E, depois, pra que?
ARIAS	Sei, não, mas que hai sputnick voando lá em cima, hai! (LABÃO MENEIA A CABEÇA) ‘ocês carece de sair deste ôco de mundo!

NORATA	Tô contente no meu canto!
LABÃO	Em trem até que eu acredito! Meu pai nunca viu, mas falava muito dessa máquina. No resto... num quero crer... num quero ver! Se um “tantico” do que ‘ocê mente for verdade, o mundo arrevesou tudinho!
ARIAS	Pois, entonce, tá tudo arrevesado!
NORATA	Isso não é coisa de um cristão falar!
LABÃO	(IRRITADO) In ante de arrevesar vem o final dos tempo, todo mundo sabe! E chega dessa prosa que isso tá figurando coisa de hereje, sô! (AFASTA-SE. PARA, OLHA PARA CIMA, PENSA, VOLTA-SE) ‘Ocê devia de ser excomungado! Cué! Lá vem Absalão! Esse velho me perde a paciência! (SAI)
NORATA	E me dá gastura! Vô tomém. (À ARIAS QUE TAMBÉM SE PREPARA PARA SAIR) Ocê fica “entertendo” o povo. (SAI. ARIAS OLHA NA DIREÇÃO QUE VÊM ABSALÃO, CONFORMADO)

Cena 5 – Absalão e Salomão

ARIAS	Sobrou! Como é que eu falo pra vocês de Absalão de modo que ‘ocês não me chamem de maldito mentiroso! É um desses “estrangeiro” que erraram caminho no mundo e deram de beirar por essas bandas. De onde? Num sei. Pra quê? Num sei. Ficou, tá aí quitempo, um ror de ano! Mora légua e meia seguindo no rumo desse meu braço (APONTA DIREÇÃO) A gente num sabe se é fugido de algum malfeito, de algum desamor, de alguma guerra. Tá aí, aí fica. Num é de dá, nem de pegá muita prosa, mai num é soberbio. Mais que isso, ninguém aqui num sabe. (ENTRA ABSALÃO)
-------	--

ABSALÃO Eu sei! É eu que sou esse Absalão falado. Povo daqui fica especulando, querendo saber das minha “origem” e dos meus “rumo”. Eu sei, mas num conto! (IRRITADO) Ninguém tem nada de saber da minha vida. Nem vocês! (ARIAS) O maldito já veio?

ARIAS O maldito é Salomão, outro que parece coisa que é da mesma raça desse um e que a gente sabe tanto quanto sabe desse.

ABSALÃO (IRRITADO) Perguntei se o maldito já veio!

ARIAS Inda não! (ABSALÃO SE ACOCORA JUNTO AO FOGO. ARIAS SAI E SE TRAVESTE DE SALOMÃO À VISTA DO PÚBLICO.)

ABSALÃO Então vou quentar ao fogo. (ENTRA LABÃO)

LABÃO Esse tal de Salomão...

ABSALÃO (RESMUNGA) O maldito!

LABÃO (IMPACIENTE COM A INTERRUPÇÃO)... o maldito, era também um turco, árabe, sírio, palestino, cananeu, judeu, persa, sei lá de que raça e lugar... só sei, parece coisa, que era do mesmo lugar desse um (APONTA ABSALÃO). Dá pra acreditar? Saíram da mesma beira de fim do mundo, onde o turco perdeu o rumo que é mais pra longe de onde o Judas perdeu as botas, e vieram se encontrar aqui, nessa nossa curruetela. Dá pra crer? É bom crer agora porque depois vai ser inda mais difícil. (ENTRA NORATA)

NORATA O caso foi assim conforme vi, lembro e guardo. Fazia pra pouco mais de ano que esse um, Absalão chamado, tinha vindo esbarrar nessas distância nossa. Era home cismado, caturro mesmo, estrangeiro! E num é que numa tarde de sol, daqui mesmo onde tô agora, eu divulgo vindo no caminho que passa, ali, na beira do cemitério, a figura de um desconhecido? (ENTRA ABSALÃO CARREGANDO UM CAJADO E UM SURRÃO)

LABÃO Veio arribando pro nosso rumo, vermeio do pó do caminho e do suor.

NORATA Desde a premera casa do Tião preto, da segunda da Zefadoida, da terceira do finado Ananias até a boca do largo, aqui, o povo ficou assuntando quieto a chegada do estrangeiro.

LABÃO “Zóio” da gente ia crescendo, perguntando coisa em silêncio.

NORATA (MEIO QUE QUEBRANDO O CLIMA) É craro, asno, “ôio” não tem boca pra preguntá!

LABÃO É modo bonito de falar, bestona!

NORATA (APÓS UM ÁTIMO DE TEMPO) Ara! Segue!

LABÃO (RETOMANDO O CLIMA DA CHEGADA DE SALOMÃO) Perguntando coisa em silêncio. E quando todo povo tava no fundo daquele silêncio, na aflição de perguntar ... (ABSALÃO GRITA A PLENOS PULMÕES)

ABSALÃO Allá salam aleikum! (NORATA E LABÃO SE ASSUSTAM)

LABÃO (RETORCIDO DE SUSTO E RAIVA) Mardito turco dos infernos que grita de matar pinto dentro de ovo!

NORATA O outro repontô na mesma zuada!

SALOMÃO Allaur Akbar! Aleikum essalam Allá! Absalão! (Alá é grande! Seja contigo, Alá)

ABSALÃO Qua Hyat En-Nebi! Salomão! (Pela vida do profeta!) (ABRAÇAM-SE, BEIJAM-SE)

SALOMÃO Allá badique, ia sidi! (Alá lhe conduza!)

ABSALÃO Inch Alla! Maktub! (Seja a vontade de Alá! Estava escrito!)

NORATA Num entendemo nadica de nada, mai da parte que entendemo, eles “era” conterrâneo, amigo mesmo, de intimidade!

LABÃO Intimidade que até sobejava um tantico demais! Riquififes, fanfreluches, beijo, abraço! (SALOMÃO E ABSALÃO ENCARAM LABÃO QUE SE ACOVARDA) Tá certo, cada povo com seu uso! (AO PÚBLICO) Por mim! Um podia até lambê o suvaco do outro que, num sendo da minha conta nem meu parente, num vou botar reparo! (OS TURCOS CONTINUAM A FALAR NUM GRAMELÔ ÁRABE)

NORATA Amizade bonita de ver!

LABÃO Passou um tempo, dois tempo, acho coisa que até três tempo! E eles sempre junto, unha e carne, ouvido e cera!

NORATA Dia interinho, pra cima e prá baixo, juntos rosnando na língua lá deles!

LABÃO (IMPLICANTE) Pra mim, sem ofensa pra eles e com perdão de ocês, parecia coisa de velho querendo cuspi desgranha de catarro pegado no peito. (ARREMEDA OS DOIS)

NORATA Apois, uma noite sem que ninguém entendesse...

LABÃO Porque ninguém entendia o raio daquela língua!

NORATA A amizade prezada deles desnorteou, desorientou mesmo. Montaram os dois no lombo duma réiva, na corcova de uma quizila que eu pensei que ia acabar em morte! Foi numa noite de São João como essa. (ABSALÃO E SALOMÃO, SENTADOS JUNTO À FOGUEIRA, COMEÇAM A DISCUTIR NUMA ALGARAVIA ÁRABE. PERCEBE-SE CLARAMENTE O PROCESSO DA CONTENDA. O MAL ENTENDIDO, A TENTATIVA DE EXPLICAR-SE, ENFIM O CRESCENDO DE UMA DISCUSSÃO)

LABÃO Norata, acho que tão brigando!

NORATA Ara! Capaz! Pode tomém, aos contrário, ser um jogo deles lá. Talequá um truco nosso!

LABÃO E as cartas?

NORATA (REFLETE) É, sem carta tá difícil, né? Entonce é briga! Aparta, Labão! (LABÃO TENTA INTERFERIR)

LABÃO Gente, bamo conversar! (OS DOIS NÃO DÃO BOLA. ELE SE EXASPERA E ESTENDE UMA MÃO ENTRE OS DOIS) Gospe aqui. (OS DOIS, SEM TEMPO DE TRANSIÇÃO, VOLTAM-SE FURIOSOS PARA ELE VOCIFERANDO) Entendi, entendi! Bamo fazer assim: ocê morde a alcatra dele, ele rói o osso seu que, com o perdão de Cristo, nessa hora eu quero ser Pilatos! (LAVA AS MÃOS E AFASTA-SE. OS DOIS CONTENDORES TÊM UM MOMENTO FINAL DE CONFRONTO E SE DÃO AS COSTAS. A BRIGA PODE TERMINAR NÃO COM VIOLÊNCIA, MAS DE FORMA INFANTIL, FICAR DE MÃO, MOSTRAR A LÍNGUA, BATER NA PRÓPRIA BUNDA, FAZER CARETA, ETC.)

NORATA Nunca mais se falaram, num cruzaram mesmo caminho, num andaram pela mesma sombra. (VOLTA ARIAS. ABSALÃO VOLTA À MESMA POSIÇÃO ONDE ESTAVA “QUENTANDO” AO FOGO)

ARIAS Por um ror de ano nem um “batarde”, nem uma batida na aba do chapéu!

LABÃO E nós aqui, assuntando, maginando, sem saber porquê, no escuro do desconhecimento.

NORATA Só agora, um rosário de ano depois, mais de quarenta, né? (LABÃO E ARIAS CONCORDAM)... é que, ouvindo fiapo de prosa de um aqui, isca de palavra de outro ali é que a gente foi costurando, remendando, pedaço por pedaço, o enredo da desamizade dos dois.

LABÃO É duro de crer, eu avisei, mai pra vocês, que acreditam até em sputinik, senão in coisa até pior, num vai ser difícil...(ABSALÃO E SALOMÃO SENTAM-SE UM AO LADO DO OUTRO)

NORATA A coisa se deu pela seguinte forma:

ABSALÃO Allaur Akbar! O mundo é grande, essa terra é grande e assim mesmo nos encontramos, Salomão!

SALOMÃO Allaur Akbar! Numa noite escura, numa caverna escura, sobre uma pedra preta, uma formiga preta é vista por Deus. Alá me guiou. Allá badique, ia sidi! (ENXUGAM OS OLHOS DAS LÁGRIMAS E SE ABRAÇAM)

NORATA Eram assim: abraço sobre abraço. Amizade sem “nódia”!

LABÃO Verdade! Um bocadinho mais e já virava indecência!

ABSALÃO Vim pra ficar rico, Salomão! (FIXA O OLHAR AO LONGE) Vou comprar fazenda.

SALOMÃO Tem dinheiro?

ABSALÃO Mai vou ter. Está vendo aquele pé-de-pau suzinho, na quebrada do morro do siô Vicente Cantagalo?

SALOMÃO Tô vendo, não. Tá de noite.

ABSALÃO (IRRITADO) É, mai ocê sabe onde tá o pé de pau, então magina! (FAZ UM GESTO LARGO) De lá até onde descamba a vertente, do outro lado.

SALOMÃO Mai é um mundão!

ABSALÃO Meu. Vou prantá café. Se ocê quiser lhe dou trabaio...

SALOMÃO (MEIO COM INVEJA) Carece, não! Tomém vou ser rico! Uma fazenda do mesmo tamanho da sua. Prantá algodão!

ABSALÃO Pra que?

SALOMÃO Segredo meu. Cuida da sua fazenda! (ABSALÃO OLHA SALOMÃO DE ESGUELHA)

ABSALÃO Ara! (CONTEMPLA “SUA “ FAZENDA. SORRI. FAZ UM GESTO LARGO) Tá vendo o cafezal? Tudo branquinho!

SALOMÃO É geada!

ABSALÃO (FURIOSO) Geada vai cair é na sua fazenda, siô! É frô no cafezal. Premera coiêita! (ALEGRE) Ói, que mai parece véu de “nôvia”, figura renda de linho branco”!

SALOMÃO (SONHANDO) Linho! Vou prantá tomém!

ABSALÃO Café é miór, dá mais lucro! A “coiêita” vai dar um dilúvio, vou encher duas arca de dinheiro! (INDICA COM UM GESTO) Ói! Se quisé eu te pego pra me ajudar a contar!

SALOMÃO (OLHA AS DUAS “ARCAS”. ABSALÃO METE AS MÃOS NUMA ARCA E COMEÇA A FAZER VÁRIAS PILHAS) MOEDAS) Num vô ter tempo. Já levei minha produção pra fiação e tecelagem e estou vendendo os tecidos. (DESENROLA O TECIDO) Mai vê que beleza de chama-lote! (ABSALÃO PARA DE CONTAR PARA VER O QUE LHE “MOSTRA” O AMIGO) E esse cetim, esse “beludo”, que coisa rara! E essa musselini, freguês? Mai nem na vinte e cinco de março! Tem organdi, organza, tudo baratinho! Faz prestação, leva freguês! (INDICA) Ói, duas arca de dinheiro tomém! (TIRA MOEDAS DA ARCA E EMPILHA)

ABSALÃO (COM DESDÉM) Hum! “Contece” que todo mundo toma café, inté ocê! Cada vez que ocê toma café, dinheiro pra Absalão! (PEGA UMA DAS MOEDAS DA PILHA DE SALOMÃO E PÕE EM SUA PRÓPRIA PILHA) Toma café, dinheiro pra Absalão! (IDEM) Toma dois café, dois dinheiro pra Absalão! (IDEM)

SALOMÃO “Contece” que Absalão veste roupa. E metro de tecido, mais caro que café. Um metro de tecido, muito dinheiro pra Salomão! (PEGA VÁRIAS MOEDAS E EMPILHA ENTRE AS SUAS) Dois metro de tecido, muito mais dinheiro pra Salomão! (IDEM)

ABSALÃO Chega! Num preciso mais de roupa.

SALOMÃO Mai sua mulher precisa!

ABSALÃO (SONHA) Minha mulher! Eu vou ter uma, Salomão!

SALOMÃO É. Dizem que neste país não pode ter mais de uma!

ABSALÃO Miór! Assim gasto menos em tecido!

SALOMÃO Apois, eu tomém vou casar, percurá moça de boa feição! Absalão, ói! Ói, que baita mocetona desenleada, pestana grossa, oio preto de negrume, eu garrei pra mim? (O-LHAM A MOÇA DE CIMA A BAIXO)´tamo casado. Beijo bom de beijar, né, não?

ABSALÃO (VIDRADO NA MULHER) É, verdade!

SALOMÃO (PERCEBE O OLHAR DE ABSALÃO. IRRITA-SE) Tira o olho, home! Passa pra dentro, Nasira! Ara, se! (ACOMPANHA IRRITADO A SAÍDA DA MULHER)

ABSALÃO Allaur Akbar! Vamos ser ricos por igual e bem casados, Salomão!

SALOMÃO Allaur Akbar! Vou ter um filha. (MOSTRA A CRIANÇA NOS BRAÇOS) Ói, que lindeza! (MIMA “TIRAR O PEITO” E DAR DE MAMAR. ADVERTE, IRRITADO) É a Nasira dando de mamar! (A ABSALÃO) Tira o olho, Absalão! (SEGURA A CRIANÇA PELA PONTA DOS DEDOS) Bamo andar, filha!(MOSTRA COM A MÃO A ALTURA DE UMA CRIANÇA) Ói, que mimosa! Amira, se chama! (VAI COM A MÃO AUMENTANDO A ALTURA DA CRIANÇA) Ói que beleza! Moça dessa num se encontra nem no palácio do califa! (OLHA PRA ABSALÃO QUE EMBALA UMA CRIANÇA NOS BRAÇOS. PERGUNTA COM UM GESTO DE CABEÇA)

ABSALÃO Meu filho! (ABSALÃO REPETE TODA A PARTITURA DE MOVIMENTOS DE SALOMÃO) Ói, que taludo! Como cresce! Ói, que baita mocetão cuéra, desimpenado!

SALOMÃO (OLHA PARA ONDE ESTÁ O FILHO DE SALOMÃO) Que é que o marmanjo do seu rapaz tá rabichando olho pra menina? (PARA O RAPAZ) Safa! (PRA FILHA) Pra dentro, Amira! Num resmunga nem fai beicinho! Ara, se! (ACOMPANHA A SAI DA DE AMIRA)

ABSALÃO (PARA O FILHO) Sai, filho, que quero conversar com esse meu cunhado. Ói, Salomão, nós é amigo, tanto rico que nem um bispo. A gente vai deixar tanta riqueza na mão de estranho? O que a gente devia de fazer é casar os dois.

SALOMÃO Num sei, não! Num gostei do “ôio” que seu filho deitou pra cima da minha menina!

ABSALÃO Rapaziada é assim mesmo. E, depois, nossa riqueza toda ficava em “família”.

SALOMÃO (DEPOIS DE PENSAR UM MOMENTO) Tá certo!

ABSALÃO Allaur Akbar! Allá salam aleikum!

SALOMÃO Aleikum essalam Allá! Allaur Akbar! (ABRAÇAM-SE, BEIJAM-SE)

LABÃO (RESMUNGA) Ara, que num “costumo” com essa coisa de beijar! Mãe, foi assim e assim foi. Se abraçaram e na, imaginação, prepararam a festa dos filhos.

NORATA Amira preparou um enxoval riquíssimo, dos mais caros e finos tecidos da fiação e tecelagem de seu pai.

SALOMÃO (DESCONSOLADO) Ai! Uma fortuna de gasto! Ainda bem que tudo fica em família! (ABSALÃO, TRISTONHO, MIMA TIRAR MOEDAS DA ARCA E AS EMPILHA)

LABÃO A festa ficou por conta de Absalão que gastou exatamente o mesmo que Salomão para que nenhum ficasse mais pobre que o outro. E, tudo pronto e satisfeitos, se abraçaram e se beijaram de novo. (COM DESDÉM) Eita! (ABRAÇAM-SE E REPETEM A JACULATÓRIA: Allaur Akbar! ABSALÃO PARA PENSATIVO)

ABSALÃO Salomão! E o dote?

SALOMÃO (SALOMÃO SE SOLTA DO AMIGO) Que dote?

ABSALÃO Tem de me dar o dote de sua filha. E muito rico que ela não está casando com o filho de qualquer um.

SALOMÃO Como dote? O dote de minha filha são seus lábios de rubi, seus dentes são pérolas, seus olhos são diamantes...

ABSALÃO Mai eu não posso vender a menina no joalheiro, nem inteira nem em parte. Quero dote em moedas. (AVANÇA NA ARCA DE SALOMÃO PARA TIRAR AS MOEDAS. RECEBE UM TAPA NA MÃO)

SALOMÃO Tira a mão! Num dô nada! Você vai ficar muito mais rico que eu!

ABSALÃO É claro que vou!

SALOMÃO E eu sei como são os rico. Ocês são gente soberbia, chibante, gente que pensa que é tira-cisma mai num vale uma merda!

ABSALÃO Ocê num fala assim!

SALOMÃO ‘tô “sortando” peido pra sua fazenda, pra toda sua riqueza!

ABSALÃO Apois, sem dote num tem casamento.

SALOMÃO Apois, não tem! Ranca daqui ocê e seu filho! (PARA A FILHA) Amira, sem choro! Pra dentro!

ABSALÃO Vou procurar mulher que merece meu filho!

SALOMÃO Ocê... Ara, se! (COMEÇAM A DISCUTIR EM GRAMELÔ DE ÁRABE. E AFASTAM-SE)

WÉLLINGTON E é assim que se conta a história desses dois. O que dois turcos estão fazendo em nossa comunidade não me pergunte. Nesse tipo de comunidade tudo é possível.

Cena 6 – O rapaz que botou um ovo com ajuda de Santo Antonio

- NORATA (VINDO DO FUNDO) E não é? Não é Deus que rege as coisas todas desse mundo? Entonce! O que brotá na sagrada veneta de Deus e ele quiser fazer, ele faz e tá bem feito, ué! A gente “acoie” e aceita tudo que é segredo e mistério desse mundo. (ARIAS SE JUNTA A NORATA E LABÃO)
- LABÃO (AO PÚBLICO) Pois, é... tanto isso é verdade que ocês ‘viram o que aconteceu com o Zequié, aquele filho do meio daquele tar Natanié, parente desse Tião Macaco que dizem que é primo-irmão daquele Simão, do Macaubal do Brejo, morador nas esquerda daquelas vereda do João Garnizé?
- ARIAS Quem?
- LABÃO Pois, é. Diz que aconteceu com o rapaz coisa que é preciso coragem pra crer!
- NORATA Que coisa foi essa, homem?
- LABÃO Lembra de quando o capeta surrou de “reio” o siô Antonio Sabú? Pois foi pior!
- NORATA Cristo Jesus!
- ARIAS Não bota Cristo no meio dessa história que tá figurando inventação!
- LABÃO Pois teve gente que viu o caso! Gente de fiança!
- NORATA Viu o que, homem?
- LABÃO (IRRITADO) Ninguém me deixa contar o caso! Pois ‘tava esse rapaz, ali, pelos seus dezenove anos, quando sentiu um desarranjo nas tripas, lá dele, que pegaram a roncar que foi um desasossêgo. Roncou por três dias sem prazo de parada! Depois disso o rapaz foi “obrar” no mato. Es-

forçou, gemeu, travou as tripas lá dele! Ficou sem fala por outros três dias. Três dias mais ele ficou sem beber nem gota d'água. (CALA-SE)

ARIAS E aí?

LABÃO E aí que não vou contar pra depois não ser chamado de mentiroso!

ARIAS Vou te chamar de mentiroso de qualquer jeito. Agora, conta!

NORATA Deixe de história, home!

LABÃO Aí, o rapaz já 'tava desmilinguido, coitado, mais branco que tabatinga. Correram com o sujeito pra benzer, botar reza em cima, fazer novena, simpatia e nada. Ele só gemia assim: A-ú! A-ú! E o povo não entendia se ele estava querendo dizer já-ú, a-nu, ba-ú, já-cu... Foi aí que com muita dificuldade ele apontou para, assim ó... o escondido... o envergonhado dele. Aí brilhou idéia na cabeça de alguém: viraram o homem de bruços e viram entalada ali, no jaú, no anu, no baú, no jacu, no fiofó do moço, a ponta de uma coisa branquinha e dura. Correram chamar Siá Antolina, parteira velha que ocês tudo conhece e que foi testemunha desse caso.

ARIAS Siá Antolina já morreu!

LABÃO E fui eu que matei? É minha culpa? Se 'tivesse viva ia dar fé no que eu falo.

NORATA E aí? Mai, segue esse enterro, homem!

LABÃO Aí, Siá Antolina, entendida em desentalar engasgo, espinha na garganta, criança encruada, se pegou com o santo de devoção dela, Santo Antonio. (ENTRA ZÉ ICÓ COMO SANTO ANTONIO)

STO. ANTONIO (AO PÚBLICO) 'Tava demorando! Quero ver a parte que vai me caber nessa história que já não está me cheirando bem! (POSTA-SE AO LADO DOS NARRADORES COM

POSE DE SANTO MIRANDO “MELOSO” O MENINO JESUS NOS BRAÇOS)

- LABÃO A parteira ponhô o rapaz de “cocre” (FICA DE CÓCORAS. ELE REPRESENTA O RAPAZ) e verteu na boca lá dele tudo que é beverage: (BEBE FAZENDO CARETA) chá de canela, de capuchinha, de losna e pra rematá mei coitézinho de óleo de mamona. (RAPAZ FECHA A BOCA) Toma, diacho!, ela mandou. (LABÃO FAZ CARETA E MENEIA A CABEÇA. COM AS DUAS MÃO ARREGANHA A BOCA) Arreganhou a boca lá dele e atochou purgativo. E gritou pra sua devoção: Me ajuda, meu santo Antonho! (SANTO ANTÔNIO SAI DE SEU “EXTASE” COM O MENINO JESUS)
- STO. ANTONIO (EMBARAÇADO) Ajuda como?
- LABÃO Me ajuda, meu santo!, clamava Siá Antolina tão “arto” que o santo deve de ter escutado!
- STO. ANTONIO Já vai. (NÃO SABE ONDE COLOCAR O MENINO JESUS. COLOCA NAS MÃOS DE NORATA COMO SE FOSSE A COISA MAIS NORMAL DO MUNDO NUM LANCE METATEATRAL) Cuida dele qu’eu já volto. (POSTA-SE ATRÁS DE LABÃO QUE “IMITA” O RAPAZ)
- LABÃO (AINDA DE CÓCORAS) De repente as tripas do rapaz garraram a roncar tão “arto” que inté fazia eco no povoado. Sopra! Espreme! Empurra!, gritava a parteira e o rapaz gemia, forçava, suave e nada! A coisa entrou noite adentro nessa labuta. Madrugadinha, as “tripa” roncou fe-roz. É agora!, disse Siá Antolina! E rematou: Põe a mão, meu santo!
- STO. ANTONIO (DESCONFIADO) Põe a mão onde?
- LABÃO E o rapaz gemia que se acabava! (SIA ANTOLINA) Bamo, que é agora, meu filho! Ou a coisa “ranca” ou ocê desanca! Põe a mão em cima, meu santo! (SANTO ANTONIO MAIS ALIVIADO PÕE A MÃO SOBRE A CABEÇA DE LABÃO) Põe a mão “drento”, meu santo! (SANTO ANTÔNIO)

NIO REAGE ATÔNITO) Põe a mão embaixo, meu santo!
(SANTO ANTONIO MENEIA A MÃO COM O INDICADOR
ESTICADO NUMA NEGATIVA)

STO. ANTONIO Assim também já é abuso!

LABÃO A coisa tá em sua mão, meu santo!

STO. ANTONIO (LAMENTANDO) Quando a coisa complica, empurram pra gente!

LABÃO Ajuda essa criatura em nome de Jesus, meu santo!

STO. ANTONIO E fazem chantagem! (SANTO ANTONIO ABRAÇA LABÃO POR TRÁS. ATOR QUEBRA COM O PERSONAGEM)

ATOR Não se anima, não! (RECUPERA O NARRADOR LABÃO)
Fez silêncio, no lugar, no povoado, no mundo. O rapaz juntou o restico de força e obrou. (LABÃO FAZ FORÇA E SORRI ALIVIADO. SANTO ANTONIO MOSTRA UM OVO ENORME QUE TIRA DE DEBAIXO E LABÃO) Obrou um ovo maior que um ovo de ema!

ARIAS (REVOLTADO) Ocê é um “mardito” mentiroso, Labão!

LABÃO Tenho prova e testemunha. Teve gente que viu!

NORATA Até pra mim, que creio que hai de tudo no mundo, tá difícil, Labão!

LABÃO (CONVICTO) É coisa que até santo duvida, mai juro por Santo Antonio...(SANTO ANTONIO, IRRITADÍSSIMO, ARMA UM TABEFE EM LABÃO. ESTE SE ASSUSTA E RECONSIDERA) Jurar, não juro, não, que num presta, mai afirmo, mando documentá e assino!

ARIAS (IRRITADO) Ocê nem sabe “escrevê”, por isso é que fala ... (DISCUTEM OS TRÊS. SANTO ANTONIO, INCONFORMADO, CARREGANDO O OVO NA MÃO SE DIRIGE AO PÚBLICO)

STO. ANTONIO Quero dizer aos senhores e senhoras que parecem ter mais juízo do que essa gente, que, na verdade, não participei dessa história e só estou aqui como personagem dos causos gerados pelo miolo sem tino e sem rumo desse siô Labão. Isso posto e dito, me retiro com toda dignidade. (À NORATA) Devolve a criança! (NORATA DÁ-LHE O MENINO JESUS. SANTO ANTONIO SOPESA O OVO NA MÃO E IRRITADO DÁ-LHE UMA BICUDA EM DIREÇÃO AOS BASTIDORES. SAI A PASSOS LARGOS. OS NARRADORES RETOMAM O CLIMA DA CENA)

NORATA Pra mim, se o rapaz botô, é coisa do demo!

LABÃO Ou do galo. Dizem que o rapaz freqüentava galinheiro da vizinhança com má tenção...

ARIAS Tudo que hai de ruim vai na conta do demo, até inventação de Labão!

LABÃO Inventação! Ocês num têm é fé nos “possível” do mundo! Fico cá me perguntando o que ocês iam falar da continuação da história!

NORATA Teve continuação?

LABÃO Ara! E, não? Num contei pr’ocês que chocaram o ovo?

NORATA Cruzes!

ARIAS Ah, não! Essa num vou ouvir! Nem eu nem ninguém! Um pouco de órde e vergonha na cara, Labão!

LABÃO (CONFORMADO) Sputnik pode!

Cena 7 – João e Dite e a queda do velho jatobá como final

LABÃO E por falar no tal de sputnick, um dia apareceu um homem, desses “moderno”, por essas beira. (ENTRA UM AGRIMENSOR) Povo daqui chamava o tal de siô “gri-

menor”, mas acho que num era nome dele, mesmo, não. Diz que ´tava medindo umas terra aí... Daí, volta e meia, aparecia gente “moderna” e o povo daqui só assuntando...

ARIAS (MEIO TRISTE) Conta essa história, não, Labão. Ainda não carece.

NORATA (TRISTE) Tomém quero ouvir, não! (COM UM GESTO LABÃO TOCA AGRIMENSOR PARA FORA. AGRIMENSOR SAI MEIO SEM JEITO) Mió caminhar as palavra no rastro das histórias das festa de São João, em roda deste véio Jatobá...

LABÃO (REFERINDO-SE AO PÚBLICO) É que já é mei tarde, mai se o povo, aí, tá com tempo...

NORATA (CONTEMPLA A VELHA ÁRVORE, EMOCIONADA) Ei, véi jatobá! Eu era menina e ocê já tava aí, forte, turuna! Deve de estar aí desde o princípio do mundo!

LABÃO Diz que foi Adão que cuspiu, aí, o caroço.

ARIAS No São João vinha gente de todo arredor. Mai nem vai adiantar falar quem porque ocês num conhece. (RELEMBRA) Fogueira acesa e debaixo desse véi jatobá...

LABÃO Debaixo dos passarinho... e da bunda deles... (LIMPA DA TESTA UMA “CAGADA” DE PASSARINHO)

ARIAS A gente comia, bebia, “recoía” as história do ano e recontava as véias histórias pra ficar mais pegada na imaginação da gente.

NORATA Nas festa e na noite de São João, em principal, a gente suspendia a vida dura, diária, e vivia uma outra vida: a festa.

LABÃO E todos nós, abrigado pela noite, pelo velho jatobá (LIMPA A CABEÇA QUE RECEBEU OUTRA CAGADA DE PASSARINHO), pela crença que a gente partilhava, porque crença também abriga...

NORATA A noite era escura como breu.

LABÃO Mai ocês já nem sabem mais o que é breu, nem sabem mais o que é escuro. Capaz até que os próprio sonho de ocês deve de ser alumiado por lâmpida de mercúrio. Mai naquele tempo e naquele lugar, noite era escura, escura de fazer cegueira, de dar medo do negrume. E dentro dela morava os seres que preferem a noite: as onças, as co-rujas, gente e coisa que nem se imagina, e os morto.

NORATA E no mei dos morto, João e Dite, que conheci em vida e conheço agora que são morto. (ENTRA JOÃO AO FUNDO E CAMINHA MUITO LENTAMENTE, PERDIDO, SEM UMA DIREÇÃO PRECISA.)

LABÃO Isso é história que Norata conta e que ninguém duvida.

ARIAS Eu mesmo que num creio muito nessas coisa, vi. E vejo. Como muita gente. (NORATA SE LEVANTA E À VISTA DO PÚBLICO COLOCA UM XALE OU OUTRO ELEMENTO QUALQUER QUE A TRANSFORME EM DITE)

LABÃO O caso foi assim, como conta Norata:

ARIAS Diz ela que numa noite fria de São João, dessas noite boa pra quentura de fogueira e de cachaça, no mei do riso e da festa, João teve tremura quando não viu seu rosto na água da bacia. (JOÃO SE CURVA SOBRE AS MÃOS QUE “SEGURAM” UMA BACIA IMAGINÁRIA. VOLTA-SE PARA DITE, PERPLEXO.)

JOÃO Dite, num vejo meu rosto.

DITE Num brinca assim que num presta, João! (JOÃO OLHA DE NOVO NA “BACIA”. DITE CORRE PARA ELE)

JOÃO Não vejo, Dite! (DITE OLHA NA BACIA E ABAFA O GRITO COM A MÃO E, LOGO APÓS, COM RAIVA DERRUBA A “BACIA” DAS MÃOS DE JOÃO. ESTE SAI)

ARIAS Diz que quem num vê o rosto próprio na água de uma bacia num fica vivo até o São João seguinte.

NORATA Logo mais eles e o povo ‘tava rindo do acontecido. “Foi impressão.” “Bobage!” “Isso num vale de nada.” Pega com Deus e com o santo que te protege com seu manto!” o povo dizia. A festa seguiu e ninguém mais tocou no assunto.

ARIAS (SEGREDADA AO PÚBLICO) Cá pra nós essa coisa de água na bacia num querdito muito, não. Penso até que entrou na história para explicar o que depois aconteceu. E foi acontecimento bruto. Mai, in ante de tudo que aconteceu, amor dos dois era bonito de ver.

LABÃO Bonito de fazer inveja boa como faz todo amor de gente moça. (IRRITANDO-SE) As veiz é tanta melúria, tanta cumbersinha, tanta nhenga-nhenga que faz raiva. Parece que só vivem pra isso, ara!

NORATA E é só pra isso que vivem.

ARIAS Isso foi no começo como é todo começo de amor. Depois tudo vira costume. E como eles eram gente moça, com toda a vida pela frente num careciam de pressa, dessas paixão dóida. Deixaram o amor correr como rio calmo do dia-a-dia, sem pressa e sem sofreguidão.

LABÃO Oi, ‘tava um amor tão conformado que a gente nem lembrava mais de João e Dite.

NORATA Foi aí que se cumpriu: inventaram de passear de barco num rio, nem perto nem distante. Barco virou e a morte abraçou os dois que morreram abraçados.

LABÃO Num teve aquele que num chorou. Até gente dura, com morte nas costas, tira-cisma, arrasa-fandango, também esses debulharam pelo menos uma lágrima de dó, saída do restico de coração lá deles.

NORATA Enterramo e restou lamento, lembrança e tristeza. E a vida seguiu como sempre segue. (SAI)

ARIAS Pois, foi numa noite, um ano depois daquilo que foi bruto e eu ‘tava aqui mesmo, Norata sentada ali... (LABÃO SE POSICIONA)

LABÃO Eu ‘tava neste lugar ao lado de Zé Icó... Estavam também Tião Preto, Nica, a Zefa Doida, Tunia e um ror de gente. De repente, parece coisa que o tempo parou, fez um silêncio de zunir no ouvido... e, então, a gente viu. (ENTRA JOÃO CAMINHANDO LENTAMENTE)

ARIAS Duvidei do que vi, mai vi. Vinha vindo, caminhando da banda direita da Igreja, carregando toda tristeza do mundo. Era João.

LABÃO E, vindo dos lado de onde a gente falou que morava o Tunia, desmanhada acho que em dor de lembrança, vinha a Dite.

ARIAS Ali, os dois estavam, pra quem quisesse ver e testemunhar o milagre que não sei se é de Deus, da vida ou do amor.

LABÃO O povo pegava a “oiá” a maravilha e a rezar, a chorar, a se rir da felicidade, do amor que se cumpria até depois da morte.

ARIAS João e Dite “ficava” ali quitempo!... cumbersando em silêncio que é como os morto faz.

LABÃO De que amor, depois da vida, será que eles falavam?

ARIAS Que juras faziam? Que flores sopravam feito palavras, um no ouvido do outro.

JOÃO Dite!

DITE (DURA) Não me chame! Não quero lhe ver! Me deixe vagar!

JOÃO Não posso deixar de chamar teu nome.

DITE Meu nome não é Dite. Meu nome é morta!

JOÃO Sei disso, mas não lembre!

DITE Odeio quando lhe encontro nessas noites

JOÃO Eu tento, mas não posso me arredar de perto de ocê.

LABÃO Um sem tirar o olho de cima do outro, eles se achegavam.
Coisa bonita de ver.

DITE (LENTAMENTE VAI EM DIREÇÃO DELE) Num quero,
mas caminho sempre na sua direção nem bem lhe vejo.
Essas noites...

JOÃO Dói de torturar.

DITE E eu não sei o tanto que dói? A gente só é sombra sem
sangue.

JOÃO Vento sem sustança.

DITE Desejo sem corpo.

JOÃO Figura de sonho sem sonhador.

DITE Porque deixamos o amor virar costume? Porque adiamos
tantos beijos? Porque perdemos tanto tempo de amar?

JOÃO Porque não queimamos de amor até o fim? Mesmo que
fosse só pra saber se amor tem fim?

DITE Odeio quando lhe vejo porque lembro dos começo, quan-
do o amor era vivo.

JOÃO Quando a gente era sede e água, sol-brasa e sombra ú-
mida.

ARIAS Nesta hora os dois se abraçavam. (OS DOIS SE ABRA-
ÇAM) Norata logo garrava a soluçar, vista da gente en-
chia d'água da gente não ver mais os dois.

DITE Lembra, João!

JOÃO Odeio lembrar, mas num consigo esquecer o calor do cor-
po, o soco forte no fundo do coração...

DITE Os lábios molhados de orvão de sua boca...

JOÃO O corpo porejando suor e paixão. (ABRAÇAM-SE NOVAMENTE COM ARDOR)

LABÃO Sempre nessa hora os dois vultos principiavam a sumir, virar ar, sombra no escuro da noite. (JOÃO E DITE SE LARGAM E SE AFASTAM)

ARIAS Levaram com eles, até na morte, o amor.

DITE Quanto tempo perdemos de queimar de amor, João!

JOÃO Quanto amor deixamos pro dia seguinte, Dite!

DITE (ALTO, COMO QUE RESPONDENDO A ARIAS) O amor viceja é na vida, João!

JOÃO E o depois é só o depois!

ARIAS E assim é que se contava a história de João e Dite lá no nosso povoado. E essas são as histórias que a gente mais se lembra, ali, ao pé da fogueira. (TRISTE) Aí, depois foi o depois. Labão! É hora. (COMEÇA A CANTA O PRIMEIRO VERSO DA MÚSICA INICIAL)

LABÃO O que se conta agora tem a rapidez de um raio, a rapidez de um fim, pois um fim foi. Começo com aquele homem moderno que apareceu por aqui: o siô agrimensor.

ARIAS (CHAMA) Ô, siô grimensô! AGRIMENSOR ENTRA COM SEUS INSTRUMENTOS DE TRABALHO E SE PÕE A MEDIR COM O TEODOLITO. ARIAS APROXIMA-SE CURIOSO) Eita, que 'essestrumento' parece coisa moderna, de muita patente! Vem vê, Labão!

LABÃO Num gosto de modernagem, mai fui.

AGRIMENSOR Estrada do governo vai passar por este mundo perdido daqui. (ARIAS E LABÃO FICAM BOQUIABERTOS)

ARIAS Ficamos sem fala com o baque da notícia.

LABÃO Me deu, ansim, umas coisa retorcida ali no oco do peito, umas gana desconhecida, umas mágoa sem nome... mai que dói... que nem sei! Dês que o mundo é mundo, dês que me conheço lugar esse nosso é terra arredada, léguas e léguas, de gente, de notícia, do mundo que dizem que tem longe daqui. E agora...

ARIAS Foi tudo um riscar de raio, um luzir de relâmpo e marcharam pra riba daqui um ror de máquina e gente derrubando, destocando, destabocando o mundo, mudando morro de lugar, furando ôco em montanha.

LABÃO Parece até que era lei escrita que no dia em que a estrada passou na beira daqui, nessa mesma noite soprou um turbilhão de vento sul nunca visto e chuva-granizo e um raio-estrondo que quase amanhece o dia no meio da noite...o raio fendeu, crestou, tombou incendiado o véio jatobá. (OS QUATRO ACOMPANHAM A QUEDA DO VELHO JATOBÁ)

NORATA Eita!

ZÉ ICÓ Norata soluçou de fazer dó. E depois disso foi rolar ribanceira. (AS COISAS GANHAM MOVIMENTO VERTIGINOSO EM VOLTA DOS QUATRO NARRADORES) Um povo novo chegou, terra nua, gado muito, fazenda, cerca, plantação...

ARIAS Usina de cana, curtume de couro, “tomóver” nas rua, inté o véi cemitério mudaram de lugar. Cova do João e da Dite nem mais sei donde tá.

LABÃO Uma casa nova ali, um sobrado acolá, casa de Tunia caiu, Igreja “derrubaro”, “construíro” outra mais longe, Zefa doida vendeu sítio, seu Arias num agüentou o “premero” ataque: coisa de “enfarti” disse o médico que já tinha por aqui. (ARIAS SAI) Pedra na rua, Norata foi morar com a filha numa cidade nova, Zé Icó tomou rumo que num sei... (SAEM OS DOIS. LABÃO FICA MEIO PERDIDO) eu fiquei. Tô aí, muito velhinho, morador na mesma velha ca-

sinha, só que em rua de “asfalto”, espremida entre dois prédio. E num é que prédio existe? Tudo na velocidade de um estalo. Reclamo, não. Mundo caminha é pra amanhã e nosso tempo já chegou a seu termo. Eu? Sento no banco da praça, onde era o largo do jatobá e fico ali ruminando coisa velha. Quando um cristão quer ouvir coisa antiga, conto, memória é boa ainda, mas quase ninguém quer saber do meu tempo. E, agora, dão licença, meu neto veio me chamar pro “armoço”. (CANTA O PRIMEIRO VERSO DA CANÇÃO INICIAL)

Epílogo

(RETORNAM OS NARRADORES)

- | | |
|-----------|---|
| ABU | “Destarte” que nossa comunidade não existe mais. Talvez até haja ainda uma dessas comunidades perdida numa beirada desse Brasil. Se existe o progresso não tarda. |
| AMÓZ | A gente relembra e celebra o que de melhor, mais alegre e mais forte tinham essas comunidades para que não morram de todo. |
| BENECASTA | Pra que não morra a força coletiva, a cultura sólida e também a inocência que deram coesão a essas comunidades. O mundo precisa de um pouco de inocência. Não inocência tola, prascóvia, estúpida. Inocência. Só inocência. |
| ABU | E destarte, desta arte que aqui criamos possa a comunidade que morre no mundo vir morar dentro de cada um de nós. Com seu prazer e seu riso, com seus melhores valores. |
| AMÓZ | Como as utopias. |
| LABÃO | ‘Cença de vossa mercê, “puroséquio”? Tô aqui ouvindo e assuntando... Essa tal “tupia” existe? |

ABU

Uns querem que não, porque utopia não existe no presente, não é produto que se possa comprar no mercado que dizem que é o mundo. Os estúpidos tem razão. E como estúpidos que são não percebem que as utopias se resolvem no tempo, na crença e no trabalho do homem.

LABÃO

E sertão onde nasci... (OS QUATRO SAEM CANTANDO)

FIM